

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.º Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.º ANNO

Assignatura:— Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remittida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.— avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 48, João F. Torres.

NUMERO 36

BRAGA

SABBADO 30 DE SETEMBRO DE 1882

É forçoso sermos coherentes. Carecemos que os nossos actos estejam perfeitamente accordes com as nossas doutrinas e com as nossas palavras.

Inaugurada pelo partido legitimista uma politica de conciliação, prometido ao paiz um futuro de paz e concordia na familia portugueza, carecemos desde já demonstrar que esta promessa não é apenas uma coisa vã, para um effeito momentaneo.

Seria um testemunho contrario á nossa lealdade chamar ao nosso campo adhesões sinceras dos adversarios, e ao baterem-nos á porta correr-mos-lhes os ferrolhos para que não entrem no santuario da nossa communhão politica.

Existem no partido liberal homens sinceros, verdadeiramente amantes do paiz, que illudidos seguirã bandeiras oppostas á nossa. Esses homens podem ser ainda de grande utilidade para a nossa causa, uma vez que a ella venham animados de um espirito genuinamente portuguez.

Em nenhum partido são demais os espiritos sinceros e devotados.

Temos ouvido ás vezes palavras de desconfiança e receio contra alguns que desconhecidos do partido legitimista n'elle vem buscar um lugar de honra. Exige-se-lhes provas da sua sinceridade, antes de se lhe abrir lugar entre os obreiros da causa!

Este receio seria uma covardia, se este purismo não fosse uma pretensão ridicula e absurda.

Em que campo querem os espiritos escrupulosos que um recém-legitimista exhiba as provas da sua boa vontade? Onde querem que façam o seu noviciado, se não no nosso campo, entre nós, obedientes ás ordens dos nossos generaes, dando o que podem da sua aptidão e dedicacão?

Pois a um patriota que vá offerecer a um corpo combatente o seu sangue e a sua vida em beneficio da bandeira que jura, exige-se-lhe que leve já no braço os galões, e no peito as venteras, que são premio de serviços relevantes? Pergunta-se-lhe acaso d'onde vem? Não: aponta-se-lhe o caminho, marca-se-lhe o dever; dá-se-lhe a voz de marchar da lei de obedecer.

Em quanto o partido legitimista, esteve aferrado ao seu exclusivismo, essencialmente conservador, limitado aos homens d'outrora e aos que trouxeram no sangue puro a herança de um nome legitimista, foi o que todos sabemos, por que limitado a uma

existencia sem movimento e sem trabalho, sem estímulo e sem esperanca, não pôde produzir senão um nobre exemplo de constancia e de probidade. Agora que esse periodo (que nos não deixa saudade) está pasado, agora que uma geraçào cheia de vida e de aspirações o reconstrue na sua força e actividade, não podemos limitar-nos á conservacão religiosa de reliquias politicas. Nos altares de um partido não podem existir braços de cêra, se existe com vida o fogo das crenças, que necessariamente a funde.

O mando nos pontos arriscados pertence aos que tem comprovado o seu valor e sua lealdade. Guardada a rigorosa disciplina raras vezes periga uma causa, se entre os seus soldados se descobre um ou outro que abraçõe o seu dever, comtanto que os chefes exerçam uma vigilancia austera e cuidadosa. Em quanto não existem essas aberrações, que são vulgares, o inimigo é ferido do mesmo modo pelos tiros que sãem da arma dos leaes, como da arma dos duvidosos. Não é possivel ao melhor general ler na consciencia dos que lhe obedecem. A todos aceita o juramento de fidelidade, e espera o momento de premear ou a occasião de punir. Os factos, e só os factos, podem em taes casos ser espelho do coração dos homens.

A qualidade de homem de bem não é felizmente exclusiva do partido legitimista.— Em todos os partidos ha caracteres dignos de respeito e veneracão. Quando ao nosso campo chegar um d'esses caracteres, abramos-lhe os braços cordealmente, e não lhe perguntemos d'onde provem a sua entidade politica. Pouco nos importa saber o que elle foi: basta-nos conhecer o que elle é e o que quer e pôde ser. Uma prova de bom caracter é já buscar em um partido de tradições tão honrosas, e de aspirações tão justas, como é o legitimista, lugar para uma cooperacão activa e desinteressada.

Aqui não ha nem galardões a esperar, nem titulos a offerecer, nem empregos rendosos, nem ostentações de vaidade, nem especulações productivas; aqui ha só trabalho, patriotismo, dedicacão e esperanca por um bem commum. Os que chegam agora não vem ainda adorar o sol que se levanta. Por enquanto somos vencidos, excluidos das prebendas officiaes, pobres sem outro valimento mais que a consideracão pela nobreza dos nossos actos e pelo orgulho da nossa fidelidade.

Ainda ha pouco o partido legitimista era tido por um partido morto.

Os nossos adversarios nem se dignavam olhar-nos como dignos de combater com elles. Bastou acordar os que dormiam e lan-

çar-se ao campo productivo do trabalho a mocidade arrojada e emprehendedora, para que já vejamos deante de nós transidos de susto os que conhecem o terreno falso da revolução.

O partido legitimista rejuveneceu, tornou-se de um dia para o outro o partido da moda, o partido do futuro. A juventude acreditava que só o partido republicano era o partido do progresso, o partido dos rapazes. Os factos vieram provar o contrario. O partido republicano ficou envolto no seu manto de utopias, luctando com o descrédito de todas as republicas na raça latina: o partido legitimista, reformado, despreendido de preconceitos e anachronismos, tendo por base as idéas nobres e generosas, que são o ideal do coração da mocidade; o partido legitimista, dizamos, moldado nas genuinas aspirações, nos brios, na indule, nas exigencias da nação portugueza, mostra-se o unico partido verdadeiramente portuguez, o unico partido do porvir.

E o porvir tem largo espaço para que a moderna geraçào conquiste mais civilisacão e mais progressos, mais illustracão e mais liberdades, mais sciencia e mais consciencia.

Fazer-se um povo novo, com um Rei novo, em um periodo novo, é não estacionar. As creações sociaes accomodam-se ás épocas; as formulas variam segundo as necessidades dos povos. As doutrinas que se não baseam na sciencia practica tem o perigo de se tornarem visões chimericas. A mocidade, por que propende para os arrojados do espirito, não se segue que atinja os domínios do absurdo.

Portugal chegou a ser grande dentro do dominio das suas monarchias. Desacreditadas as republicas n'outros paizes, nada lucraria com uma experiencia que nenhuma garantia lhe offerece de melhorar a sua actual situacão economica e politica. Dentro de uma monarchia popular, levantada pelo espirito da moderna geraçào sobre as bases solidas de patriotismo, da sã liberdade e dos verdadeiros progressos moraes e sociaes, Portugal pôde encontrar a felicidade a que tem direito um povo que conquistou com seus feitos uma reputacão merecida.

Esta reflexão poderá muito, sem duvida, no espirito d'aquelles que, disilludidos das fallacias da revolução, quizeram consagrar melhores dias á salvacão da patria.

Desilludidos que sejam, venham a nós, que o partido legitimista saberá distinguir o sincero espirito de patriotismo do falso espirito dos especuladores de officio, e dos saltimbancos da politica.

O partido legitimista não quererá para si só o justo premio do merecimento e das vicivas dedicacões. A nação é de todos os

portuguezes, e ella só pôde ser grata aos que melhor a servirem.

Se isto dizemos aos que ainda não são dos nossos, não podemos deixar de inocular profundamente no coração do nosso partido a tolerancia e a conciliação de que carecemos para tornar effectivo, hoje e de futuro, o programma que inauguramos no renascimento do partido legitimista.

Transcrevemos em seguida este monumental artigo do *Primeiro de Janeiro* e recommendamo-lo á leitura de todos os homens de bom senso e patriotismo.

No dia 19 do corrente, anniversario natalicio do sr. D. Miguel de Bragança, filho do que foi chefe de um dos partidos, que tão cruentamente se degladiaram em guerra civil, houve em Lisboa um banquete politico, a que assistiram os representantes dos que no nosso paiz sustentam a causa da chamada *legitimidade*. Em Braga, e ainda em outros pontos, houve outras reunioes para commemoracão festiva d'aquelle anniversario. O partido miguelista, que por muitos annos se deixou delinhar no retrahimento, e no abandono de si proprio, appareceu outra vez á luz do dia, se não armado já de ponto em branco, pelo menos com o esforço bastante para dizer o historico: *Me, me adsum*.

Julgamos o facto de alguma importancia, e não nos parece que elle deva passar desprecebido. A mesma ordem de idéas, que nos levou a escrever em um dos nossos passados artigos, que o partido republicano, aqui e em França, está em declinacão, leva-nos logicamente a dizer, que este reaparecimento do partido miguelista não é facto para surpresa, antes muito para ponderar. E por ventura, é precisamente essa corrente de idéas a causa e não outra, que dá ao partido miguelista um renascimento de vida, que quasi tinha de todo perdida.

Em um e outro caso, partimos da consideracão que a politica dos partidos extremos no nosso paiz ha de ser um reflexo da politica d'esses partidos em França. O nosso paiz não tem uma vitalidade sufficientemente poderosa para constituir uma autonomia de idéas politicas, separada da dos outros paizes latinos, e em especial da França, que é a cabeça de todos elles. A existencia da republica está seriamente ameaçada em França, porque a envolve um crescente desprestigio; por isso o partido republicano portuguez, que reflecte os viciios e dissensões do francez, vai entre nós em progressiva decadencia a desagregacão.

FOLHETIM

A S. FRANCISCO D'ASSÍS

(4 de Outubro)

Affortunado Assis, ditosa Umbria, És patria e berço de um heroe famoso, Que algum dia na terra, hoje no empyreo, Resplandece qual astro luminoso!

Abriu a mão de Deus ricos thesoiros, E dentro da alma todos lh'os vasou; Com dons celestiaes, graças mimosas, Entre os mais Santos seus o assignalou.

Viva imagem na terra quiz que fosse, Do sob'rano e divino Redemptor: Este servo no mundo foi a copia, O summo original foi o Senhor.

O oiro, a prata, as honras, as grandezas Calçou aos pés Francisco n'um só dia; Pois do ceu as riquezas cobiçando, Julga quanto é da terra sem valia.

Ao cego pae irado entrega e deixa Tudo quanto a fortuna lhe concede: Da herança e dos haveres se despoja, E até de filho seu o nome cede.

No intimo do seu peito, em verdes annos: Accende o fogo a ardente caridade; E essas vorazes chammas que o abrazam, Não as apaga a derradeira idade.

N'um grosso e aspero burel envolto, Aperta-o dura corda, e sobre a terra, Caminhando descalço, vae correndo, Foge do mundo, a si vae fazer guerra.

Ergue animoso braço, e n'um deserto, Com golpes repetidos e pesados, Rasga as veias; e os fundos, broneos valles, Repetem echos, como horrorisados.

Novo Paulo, a sua alma aos ceus ascende, O que alli vê, não pôde a voz contar; Revela-lhe o Senhor altos segredos, Quaes a outros não quiz manifestar.

Rasga o veu que o futuro nos esconde; E tudo quanto Deus tem decretado,

Co'a mesma clara luz penetra e abraça Com que o presente vê, lembra o passado.

Luz do mundo, da fê seguro oraculo, Propheta, anachoreta, penitente, Valente confessor, zeloso apostolo, És, Francisco, e até virgem innocente.

Se tu fallas, os sabios se envergonham, Os impios e os tyrannos emmundecem; Se a voz levantas, os hereses fogem, Confessam-se vencidos, estremecem.

Do Redemptor do mundo a cruz alçando, Corre logo a teu brado o peccador; O rebelde que o jugo sacudira, Humilha-se a teus pés com pranto e dor.

Os mares, os contagios, os incendios, Da tua voz o imperio reconhecem; A teu ligeiro aceno, n'um momento, Ceu e terra parece que obedecem.

Até os anjos!... mas que maravilha Que te respeite tudo o que é creado, Se o proprio Deus (ah que prodigio immenso!) No teu corpo se quer ver espelhado?!

Nas mãos, nos pés, no lado as mesmas chagas Vejo em meu Salvador da cruz pendente, Que no teu corpo, ó seraphim da terra, Venturoso Francisco penitente!

Não vira nem verá jamais o mundo Tantas graças do ceu, tanta riqueza, Unidas n'uma só creatura humana, Na mais austera e horrida pobreza.

Acode, acode aos brados que te envío, Estende lá do ceu a tua mão; Conduze os passos meus, para que seja Venturoso por tua imitacão.

Aperta os laços, firma os santos votos Que ha muito ao meu Senhor tenbo jurado: Tudo posso arrostar e vencer tudo, Se dar-me auxilio for do seu agrado.

A' guerra e lucta, em quanto vida sinta, Não me quero negar, combatarei; E se do ceu as graças tu me deres, Ovante á gloria eterna voarei.

